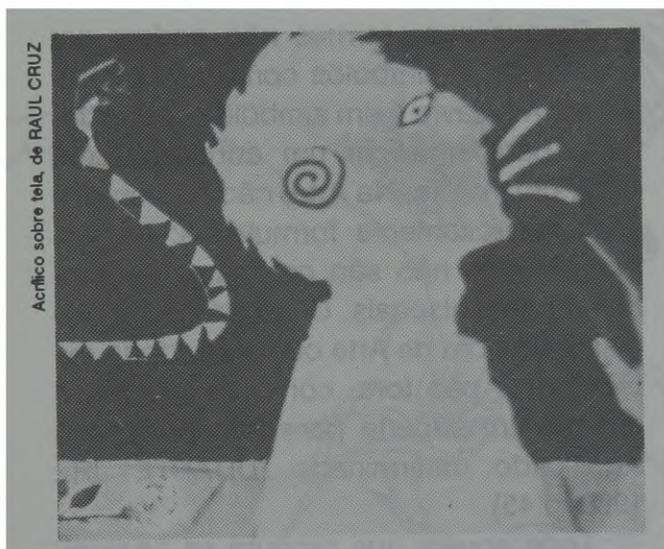


Processos criativos e Terapia Ocupacional



O homem impregna suas ações com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus conhecimentos. Dando forma à argila, ele dá forma à fluidez fugidia de seu próprio existir. Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, se recriou (OSTROWER, 1984, p.51).

Formando a matéria, ordenando-a, configurando-a, dominando-a, também o homem vem a se ordenar interiormente e a dominar-se. Vem a se conhecer um pouco melhor e a ampliar sua consciência neste processo dinâmico em que recria as suas potencialidades essenciais (OSTROWER, 1984, p.53).

Neste artigo, vamos abordar uma for-

ma de entendimento da Terapia Ocupacional que supõe o uso da atividade a partir do processo criativo, buscando promover o contato entre os aspectos subjetivos e objetivos da realidade do indivíduo, abrindo-se, a partir daí, espaço para o aparecimento de formas de expressão mais integradoras de sua personalidade.

Entende-se aqui atividade como toda tentativa de concretização de um impulso, de uma necessidade ou um desejo, cuja solicitação pode ser interna ou externa. A atividade cria e recria a identidade do indivíduo, define posturas, caminhos e espaços. Sendo uma forma de autoconhecimento e expressão é, porém, muitas vezes, causadora de angústia e não necessariamente propiciadora de alívio.

Para Vivian Farah Nassif (1988, p.22), o fazer do indivíduo reflete o seu ordenar íntimo. Da mesma forma vemos que, formar, neste sentido, significa fazer, experimentar, desmanchar e refazer, num movimento dialético entre homem e matéria. Isso porque, em suas tentativas de estruturar e dominar a matéria, o homem reconhece a sua estrutura e se reestrutura: à medida que se identifica com uma matéria e interfere nesta, é também por ela modificado.

A utilização de materiais como tinta, madeira e argila, entre outros, permite e

Eliane Dias de Castro e Reinaldo José Gomes da Silva são docentes do curso de Terapia Ocupacional da FMUSP.

facilita essa ação. O uso terapêutico de materiais, isto é, a realização de atividades terapêuticas permite a expressão de sentimentos e emoções, fornece dados importantes acerca da história dos afetos do indivíduo, seus gostos, desgostos e conflitos, aquilo, enfim, que não consegue dizer. Pode-se falar, então, no resgate ou na recriação de uma identidade que se dá pela possibilidade de expressão e representação do "mundo da fantasia" no concreto, na matéria que é palpável e delimitável (NASSIF, 1988, p.23).

O processo do conhecimento humano compreende um jogo entre o *vivenciar* e o *simbolizar*, isto é, entre o que é sentido e o que é pensado. Entendendo o *sentir* como a primeira impressão que o homem tem de todas as coisas, o primeiro passo é o *sentir*, seguido da elaboração racional desses mesmos sentimentos.

João Francisco Duarte Júnior (1988, p.43) diz que a linguagem procura sempre captar os nossos sentimentos, significando-os e classificando-os em conceitos, porém, tal como apanhar um pouco de areia, sempre lhe escapa algo por entre os dedos. A linguagem, que é conceitual e classificatória, apenas aponta e classifica o *sentir* sem, contudo, poder desenvolvê-lo: ao apontar o seu *isso*, é impotente para nos mostrar o seu *como*. Segundo o autor, eu posso nomear o que sinto: alegria, por exemplo. Mas como mostrar em que e como essa minha alegria é diferente da que senti ontem? Como comparar a minha alegria e a sua? Como descrevê-la?

Assim, a linguagem nomeia, classifica os sentimentos em categorias gerais (alegria, tristeza, raiva, ternura, compaixão, etc.), mas não os descreve; não pode mostrá-los em seu desenvolver.

Dentre toda a gama de atividades humanas, a Terapia Ocupacional se utiliza, entre outras, das atividades expressivas ou artísticas. Tais atividades expressivas ou artísticas são uma tentativa de apresentação dos sentimentos quando a linguagem não é capaz de fazê-la, visto que a Arte é sempre a criação de uma forma. As formas nas quais a Arte se apresenta constituem, por sua vez, maneiras de se exprimir os sentimentos.

Ilustrando isso, João Francisco Duarte Júnior (1988, p.43) cita a seguinte definição de Suzanne Langer: "a Arte é a criação de formas perceptivas expressivas do sentimento humano". A Arte não procura transmitir significados conceituais, mas dar uma expressão ao sentir, de maneira diversa da de um grito, um gesto, um choro, pois, nela, a expressão está formalmente estabelecida, isto é, está concretizada, lavrada numa forma harmônica. Assim, a Arte concretiza os sentimentos numa forma, de maneira que possamos percebê-los.

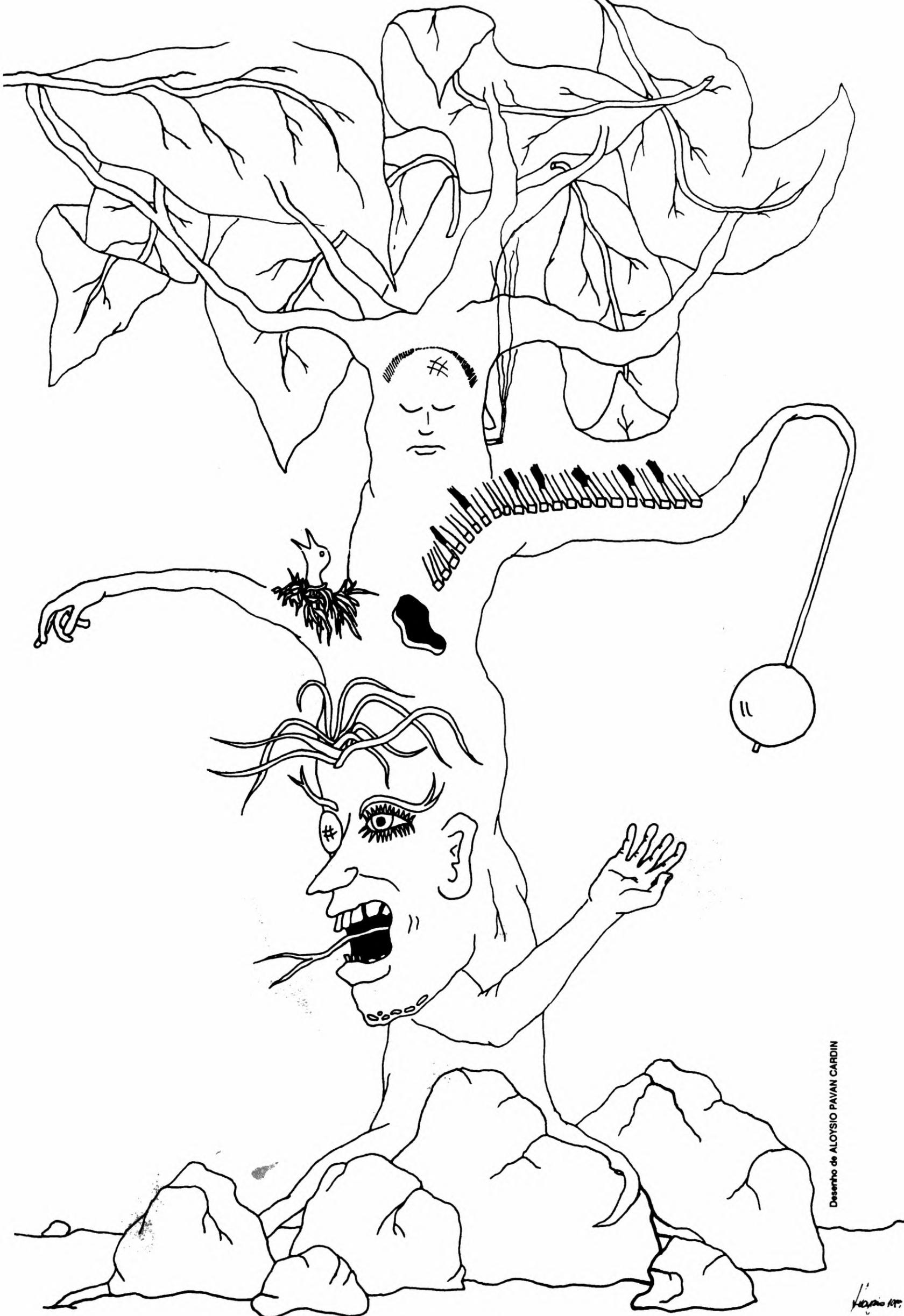
Pode-se, contudo, ser tentado a considerar a Arte como um símbolo idêntico aos símbolos lingüísticos. Se as palavras significam coisas e eventos, por que não se pensar que a Arte *signifique* os sentimentos?

Porque suas formas não podem ser consideradas símbolos como são as palavras. A palavra é um símbolo convencionalizado para significar um conceito, uma idéia, uma coisa. Na Arte, não há convenções explicitamente formuladas; as formas de Arte não são propriamente símbolos convencionais. O sentido expresso reside na obra de Arte ou na atividade expressiva e não fora, como se ela fosse apenas um suporte para transportar um significado determinado (DUARTE JR., 1988, p.45).

Todo aquele que procura se comunicar através das formas de Arte, seja artista ou usuário de Terapia Ocupacional, não se expressa através de um significado conceitual, mas mostrando os sentimentos por meio de formas harmônicas, vai concretizar nas formas aquilo que é inexprimível pela linguagem conceitual.

O impulso criativo é naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de Arte; mas também se faz presente quando qualquer pessoa — bebê, criança, adolescente, adulto ou velho — tende de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa que possa tornar forma e ser apresentada ao mundo. É ele que dá ao indivíduo o sentimento que "a vida é real ou significativa" (WINNICOTT, 1979, p.101).

O processo criador é um estado de crescimento contínuo constituído por uma



Desenho de ALOYSIO PAVAN CARDIN

capacidade ordenadora e configuradora; é a possibilidade de abordar, em cada momento vivido, a unicidade da experiência e de ligação com os outros, transcendendo o particular e ampliando o ato da experiência para a compreensão. Nos significados que o indivíduo encontra — criando e sempre formando — estrutura-se sua consciência diante da vida.

Ao indivíduo criativo torna-se possível dar forma aos fenômenos, porque ele parte de uma coerência interior. Absorvendo os múltiplos aspectos das realidades externa e interna, ele os contém, os compreende e os ordena significativamente. Como ser coerente, estará mais aberto ao novo por estar mais seguro dentro de si: sua flexibilidade de questionamentos, ou melhor, a ausência de rigidez defensiva ante o mundo, permite-lhe configurar espontaneamente tudo o que toca.

Cabe lembrar que o desenvolvimento da pessoa se dá dentro de um contexto social, a partir dos meios e dos propósitos da sociedade. Durante esse desenvolvimento, o ser humano brinca e há uma evolução direta do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais. A criatividade se exerce nessas possibilidades culturais e delas recolhe as formas concretas expressivas (WINNICOTT, 1979, p.83).

Os processos criativos são processos construtivos globais, pois desenvolvem a personalidade toda, o modo da pessoa diferenciar-se, de ordenar-se e relacionar-se. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se; é integrar significados e transmiti-los. Ao criar, procuramos nos aprofundar no conhecimento das coisas e do mundo.

Toda atividade humana está inserida em uma realidade social, portanto, ao rea-

Desenho de ALOYSIO PAVAN CARDIN



lizar uma atividade, o homem criador não está exclusivamente exprimindo seus próprios sentimentos, mas projetando nela tudo aquilo que percebe como próprio dos homens de sua época e lugar, em outras palavras, do seu contexto cultural e que afetou, direta ou indiretamente, a sua experiência pessoal. As experiências, sejam elas pessoais, sociais ou afetivas, são fundamentais, visto que o ser se constrói pelas relações.

É na integração do consciente, do sensível e do cultural que se baseiam os comportamentos criativos do homem: o potencial consciente e sensível de cada um se realiza sempre e unicamente dentro de formas culturais. O desenvolvimento biológico não ocorre independente do cultural, da mesma forma que o comportamento de cada ser humano se molda pelos padrões culturais, históricos, econômicos e sociais do grupo em que ele nasce e cresce. Ainda vinculado aos mesmos padrões coletivos, ele irá se desenvolver enquanto individualidade, com seu modo pessoal de

agir, seus sonhos, suas aspirações e suas eventuais realizações (OSTROWER, 1984, p.28).

A criação nunca é apenas uma questão individual, mas não deixa de ser uma questão do indivíduo. O contexto cultural representa o campo dentro do qual se dá o trabalho humano, abrangendo os recursos materiais, os conhecimentos, as propostas possíveis e, ainda, as valorizações. Existirá, no entanto, desde o início, uma orientação específica de ser, uma predisposição, uma maneira sua, constitucional talvez, de interagir com o mundo. Não se pode perder de vista que cada pessoa constitui um ser único, indivisível em sua personalidade (OSTROWER, 1984, p.147).

Para que o homem, entretanto, realize seu potencial criador, é necessário que cada um possa crescer em seu tempo vital, amadurecendo e integrando-se como ser individual e social. Daí, muitas vezes a conveniência dos recursos que podem ser oferecidos no nível da Terapia Ocupacional.

Referências Bibliográficas

- BRUNELLO, M.I.B. 1988. *A influência do fator cultural no processo de atendimento em Terapia Ocupacional*. Pesquisa para a USP.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. 1988. *Por que a Arte-Educação?* Campinas, Papirus.
- NASSIF, V. 1988. *Estudo comparativo sobre o uso de tinta e madeira como recurso terapêutico para pacientes psicóticos em Terapia Ocupacional*. Pesquisa para a USP.
- OSTROWER, F. 1984. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis, Vozes.
- WINNICOTT, D. W. 1975. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago.
- WINNICOTT, D. W. 1975. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro, Zahar.

RESUMO

O artigo procura fazer uma correlação entre os processos criativos na obra de Arte e um determinado procedimento de Terapia Ocupacional, apontando a importância dos mesmos para o desenvolvimento do homem inserido em seu contexto cultural.

ABSTRACT

This article tries to make a correlation between the work of Art's creative process and an occupational therapy specific procedure, showing its importance in man's development, inserting it in his cultural context.